



HIPERCONSUMO E SEUS IMPACTOS AMBIENTAIS NA SOCIEDADE MODERNA: A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA RACIONALIDADE

5º Congresso Internacional de Tecnologias para o Meio Ambiente

Haiany Serraggio de Souza¹, Lucas Dagostini Gardelin², Cleide Calgaro³

¹ Acadêmica do curso de Direito da Universidade de Caxias do Sul (hsouza1@ucs.br)

² Acadêmico do curso de Direito da Universidade de Caxias do Sul (gardelin_lucas@hotmail.com)

³ Doutora em Ciências Sociais. Professora da Universidade de Caxias do Sul (ccalgaro@ucs.br)

“A responsabilidade num consumo sustentável é uma forma de sabedoria que leva à resistência num mundo em que há poucos amanhãs”.
(LIPOVETSKY, 2007).

Resumo

O presente trabalho busca analisar o hiperconsumo e seus efeitos na sociedade moderna, bem como ressaltar o impacto ambiental dele decorrente. Para isso, buscando subsídios na pesquisa bibliográfica, este artigo visa a reflexão a respeito da necessidade de uma nova rationalidade ambiental, a ser construída através de uma educação ambiental verdadeiramente comprometida com a indispensabilidade de um meio ambiente saudável, frente aos danos advindos da atual lógica consumista e exauriente.

Palavras-chave: Meio Ambiente. Hiperconsumo. Racionalidade ambiental. Educação ambiental.

Área temática: Educação ambiental.

Abstract

This paper analyzes the hyperconsume and its effects on modern society, and to underscore the environmental impact arising therefrom. For this, seeking subsidies in the literature research, this article aims the reflection on the need for a new environmental rationality, to be built through an environmental education truly committed to the indispensability of a healthy environment, compared to the damages arising from the dominant logic consumer and exauriente.

Key Words: Environment. Hyperconsumerism. Environmental Rationality.



Theme Area: Environmental Education.

1 INTRODUÇÃO

Uma vez observada a condição atual do homem, tanto no aspecto social, quanto psíquico, é visível sua dessemelhança com qualquer forma de cidadania anteriormente encontrada. Dado que a modernidade se define, hoje, pelo consumo desregrado e efêmero, pela busca de questões paradoxais, como o bem-estar e a felicidade, pouco se interpela sobre a relevância de tais práticas modernas para o meio ambiente e, ainda, o futuro do planeta terra para as próximas gerações.

Em contrapartida, filósofos e sociólogos tentam, de certa forma, mapear o rumo que a modernidade vem tomando neste verdadeiro atalho para a felicidade. O que vemos, é quase um ímprobo labirinto.

Assim, antagônica à solidez, neste novo corpo social, cujo qual o sociólogo polonês Zygmunt Bauman brilhantemente alcunhou de *modernidade líquida*, vemos uma coletividade que não prevê contornos ou feições. É assim que a liquidez moderna se apresenta: efêmera e superficial.

O método utilizado é o analítico tendo como base o estudo bibliográfico. Entende-se que a possível solução seria uma nova racionalidade voltada a educação ambiental para mudar a cultura de consumo na sociedade moderna.

2 O HIPERCONSUMO NA SOCIEDADE MODERNA

O novo corpo social caracteriza-se, substancialmente, pelo poder de compra, não no tocante ao contexto econômico, propriamente dito, mas sim, na sua essência etimológica, ao relato do seu literal sentido. Uma vez que a relação do homem com os objetos que eventualmente adquire lhe traduzem estimada subjetividade, pouco se leva em conta a particularidade alheia, voltando-se para os bens de consumo para que possam aferir aos outros, um novo sentido de “eu”.

Uma vez que o ato da compra transfere ao homem moderno a almejada subjetividade e, ao mesmo tempo, a felicidade, ainda que puramente repentina, esta prática é mais do que simplesmente incentivada, ela é apregoada pelo mercado de consumo. O consumir deixa de tornar-se uma prática para alcançar o status de estilo de vida.

Ao final deste jogo, tem-se uma prática nociva, tanto à *psique* humana, que ao final



pouco ganha e muito deprava as relações interpessoais, quanto à natureza, pela má gestão dos recursos naturais e pelo descuidado e descompromisso ambiental. Assim, os laços interpessoais se distanciam quando o sentimento de pertença do homem moderno estende-se aos objetos de consumo, enquanto pouco se atenta para a alarmante situação ambiental provocada pela hipérbole do ter em detrimento do ser, pelo consumo enquanto doutrina moderna.

3 A CONSUMAÇÃO ALÉM DOS BENS E A PRODUÇÃO EM MASSA DE PARTICULARIDADES

Ante ao contexto do novo consumo, nunca fora tão fácil a aquisição de novas particularidades como na atualidade. Uma vez que a mídia e o mercado de consumo passam a arbitrar a mente humana, condicionando comportamentos e restringindo-os aos signos do consumo, tem-se uma sociedade condenada ao consumo de particularidades meramente compradas, a efemeridade do ser. Assim, o homem cerca-se de objetos e distancia-se dos outros de sua espécie, tornando o ato de ser, meramente superficial.

Obedecendo a esta lógica, a subjetividade depravada obedece à celeridade das linhas de produção modernas. Assim, o homem experimenta a sensação da felicidade efêmera, ao passo que se torna uma mera engrenagem neste ciclo etéreo.

A inquietude da busca pela felicidade, uma vez que adquirível e objetificada em bens do mercado, sob a lógica dos signos do consumo, traduz um decurso que tende a se repetir a cada vez que o sujeito se encontrar infeliz ou insatisfeito. Deste modo, ao experimentar sentimentos desgostosos, remediam-se, estes sentimentos, com o ato do consumo. Vê-se, sob as turvas lentes do hiperconsumo, o eufemismo do real poder da compra, aquele que adquire sentimentos tão fugazes quanto vazios. (LIPOVESTSKI, 2007)

Fugindo ao olhar ingênuo das massas catequizadas pelo novo consumir, constata-se que, doravante ao século XIX, a produção publicitária ganhou enorme força ao incorporar-se ao inconsciente coletivo, instituindo uma nova lógica moderna que rege as relações entre o homem e os da sua espécie, quanto com os objetos que lhe circunvalam. Assim, o caráter persuasivo é a hodierna característica, no tocante a esta ciência quase que ditatorial.

Deste modo, questiona-se, à lucidez e ao alvor da modernidade despida de eufemismos: para onde se caminha? Ainda que esta nova reflexão perturbe a engessada lógica consumista, é preciso atentar às mudanças e práticas vigorosas do homem atual.

O hiperconsumo é, assim, duplamente deletério: afeta homem enquanto indivíduo e coletividade, alienando-o ao passo que o degenera, e o ambiente que o engloba e circunda. O ciclo



incansável de produção e consumo, desatento às mínimas condições ecossistêmicas, demonstra sinais claros de esgotamento: seus riscos e custos tornaram-se irremediavelmente insustentáveis. Diante desta situação traumática, verdadeiramente crítica, apresenta-se como imperativa uma renovação paradigmática, de modo que se construa, sobre bases sólidas e através de uma educação ambiental comprometida e abrangente, um novo modelo de racionalidade.

4 O HIPERCONSUMO, SEUS REFLEXOS E SUAS ALTERNATIVAS: A PREMÊNCIA DE UMA NOVA RACIONALIDADE AMBIENTAL

É cediço que a prática consumista, caso perpetuada em seus moldes atuais, encaminhará o planeta a uma deterioração irreversível de suas capacidades naturais: ela adultera e mina, a um só tempo, a viabilidade sustentável do planeta e sua preservação ecossistêmica às gerações pósteras. A devastação causada pelos efeitos do *modus operandi* adotado pela sociedade consumista são visíveis, bem como os debates por eles suscitados: a premência de uma mudança efetiva e estrutural faz-se mais candente agora do que jamais se fizera no passado.

A necessidade de uma nova racionalidade apresenta-se, pois, como consequência óbvia da falência do atual paradigma, da crise de uma modernidade calcada na prática econômica predatória, no culto exacerbado do consumo e na produção exponencial de rejeitos e descartes. O descartável, aliás, desempenha papel fundamental neste sistema: elevado à condição de símbolo inequívoco do progresso, “é uma das principais causas do consumo crescente de matérias-primas e, consequentemente, do aumento da quantidade de lixo gerado”. (PENNA, 1999, p.34).

O processo contínuo de exploração extrativista dos recursos naturais terrestres, força propulsora do desenvolvimento e elemento indispensável à manutenção da cadeia de consumo, assim como a inobservância de um tratamento adequado aos resíduos dele decorrentes, somente reforçam a insustentabilidade dessa apropriação predatória das potencialidades do planeta. Assim, segundo Penna, “não pode haver progresso onde o meio ambiente é negligenciado, poluído, superexplorado e degradado; torna-se óbvio que as atividades do homem não são sustentáveis em condições ambientais declinantes”. (PENNA, 1999, p. 151)

É, em suma, um modelo de civilização que, alarmado diante das monstruosidades e destratos por ele gestados, agoniza e sinaliza claro esgotamento. É em virtude dessa situação que surge o apelo a um novo modelo de racionalidade que se mostre capaz de conciliar, de maneira balanceada e satisfatória, os custos advindos do processo econômico do desenvolvimento, o ciclo da produção e consumo, a manutenção das potencialidades ambientais e, indubitavelmente, a promoção de uma maior equidade social. Essa nascente racionalidade, fruto de um contínuo processo de



transformação executado pelos atores sociais, propicia, no entender do eminentíssimo sociólogo mexicano Enrique Leff, o florescimento de uma “‘outra razão’ que parte da crítica à racionalidade tecnológica e do cálculo econômico que conformam o instrumental da civilização moderna orientada pelos princípios de lucratividade, da eficiência e da produtividade imediatas”. (LEFF, 2006, p.263)

Esse novo paradigma racional buscará sua gênese, conforme mencionado, numa reavaliação da relação do homem para com o meio ambiente, a ser concretizada num projeto alternativo ao que atualmente impera, e cujos efeitos deletérios, sinais claros de esgotamento, agudizam-se diariamente. Deste modo, a racionalidade ambiental emerge “do questionamento da hipereconomização do mundo, do transbordamento da racionalidade coisificadora da modernidade, dos excessos do pensamento objetivo e utilitarista” (LEFF, 2006, p.16).

Observa-se, assim, que a racionalidade ambiental está atrelada à perspectiva de educação ambiental, cujas bases devem obedecer a uma nova lógica, em contraposição aos valores pregados pela sociedade do hiperconsumo. Assim sendo, o contraste entre uma ótica e outra é gritante, mas é passível de ser amenizado a partir da instituição da educação ambiental como berço de um novo parâmetro para nortear a nociva prática de consumo.

5 CONCLUSÃO

Diante do atual quadro em que a modernidade se molda, entende-se que a sociedade não atende às condições inerentes ao equilíbrio ambiental. Uma vez que o homem age como predador do meio ambiente, escasso é o otimismo frente às perspectivas futuras.

Conclui-se, então, diante da pesquisa bibliográfica, que este panorama muito se assemelha ao Mito de Tântalo¹, oriundo da mitologia grega. Assim, a penar eternamente pela

¹ Mito grego do rei da Frígia Tântalo, filho de Zeus e de Plota, desvela a ambição de um mortal, que não satisfez em ser notoriamente o predileto dos deuses, almeja se transmutar num deus propriamente, o qual incorre num erro brutal ao roubar dos deuses um pouco de néctar de ambrosia, alimento que dava a imortalidade, mas que era privilégio somente do Olimpo. Tântalo, julgou-se poderoso e convidou os deuses para um jantar onde serviu como refeição seu próprio filho Pélops em pedaços, para que pudesse testar a divindade dos deuses. Os deuses se deram conta da atrocidade, mas Demeter havia comido o ombro de Pélops. Assim, Zeus ordenou que o corpo de Pélops fosse atirado a um caldeirão, onde Cloto – uma moira – lhe devolveria a vida substituindo o ombro por um marfim. Já, Tântalo foi condenado ao suplício de fome e de sede eterna. O mesmo foi mergulhado em águas até o pescoço, mas quando se debruçava para beber-las, a mesma desaparecia. Por cima de sua cabeça existia ramos de árvores com muitos frutos, mas o vento sempre retirava os frutos de seu alcance sempre que os buscava para comer. Toda a família de Tântalo e seus descendentes foram amaldiçoados. Sua filha Níobe, teve 7 pares de gêmeos e perdeu todos de doenças terríveis, de tanto que chorou, a mesma se transformou numa gruta de pedras onde descia uma cachoeira de água salgada. Já, Pélops, depois de ser ressuscitado, foi entregue a Poseidon que o criou até o mesmo ser um grande herói. Mas, a profecia afirmava que ele se tornaria um rei, mas que jamais se livraria da maldição que foi lançada a todos os descendentes do rei Tântalo. Pode-se afirmar, com isso, que aquele que tudo quer, tudo perde. (Conhecimento sem Fronteira, 2015).



sofreguidão do consumo insaciável, o corrente corpo social parece caminhar eternamente pela busca da felicidade paradoxal, ao mesmo tempo em que se distancia notavelmente desta, recaindo sobre o constante estado de insatisfação moderna.

Como atenuante, a educação ambiental é uma das proposituras mais prósperas no que diz respeito ao prisma ambiental. Por meio da racionalidade ambiental, então, a gestão dos recursos naturais mostra-se vital e forçosa no tocante à melhoria das condições de vida, equilíbrio ambiental, bem como, equidade social. É preciso que haja uma reeducação no modo de pensar, para que, de fato, possa-se alcançar a prosperidade entre o consumo e o meio ambiente.

É a partir dos princípios de educação que se cria uma nova racionalidade, onde o ser humano buscará hodierna concepção de sociedade de consumo, que vise uma ideia de real consumo, diferentemente dos ideais apregoados pelo hiperconsumo. Esta nova racionalidade instituiria novos valores de ser, e não somente do “ter”: a busca de uma nova racionalidade pautada na educação ambiental é a solução para a problemática criada pelo hiperconsumo, onde as pessoas consomem quase que inconscientemente, desconsiderando o real propósito da prática do consumo.

Outro problema despontado pelas atuais bases de consumo é o descarte de produtos, hábito que desconsidera qualquer noção ambiental adequada. Assim, sem uma nova racionalidade, é sombrosa a aferição de uma perspectiva pôstera. Ainda que desgostosa concepção de futuro, é importante lembrar que não é, de toda, dominadora. O acordo feito na França poderá ser o precursor de uma nova racionalidade ambiental, e, também, de uma possível educação capaz de mudar o perverso futuro a ser afrontado pela humanidade.

Referências

- ARNAUD, André-Jean. *O direito entre modernidade e globalização: lições de filosofia do direito e do Estado*. Rio de Janeiro: Renovar, 1999.
- BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Reimp. Lisboa: Edições 70, LDA, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *Consuming Life*. Cambridge, UK: Polity Press 2007. p. 25.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 258 p.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1998. 252 p.
- BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.



5º Congresso Internacional de Tecnologias para o Meio Ambiente

Bento Gonçalves – RS, Brasil, 05 a 07 de abril de 2016

CONECIMENTO SEM FRONTEIRA. *O mito de Tântalo.* Disponível em: <
http://www.esdc.com.br/CSF/artigo_2009_03_tantalo.htm> acesso em: 12 dez. 2015.

FREUD, Sigmund. *O ego e o Id.* Rio de Janeiro: Imago. Volume XIX, 1990.

LEFF, Enrique. *Racionalidade ambiental: a reapropriação social da natureza.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. 2007. *A felicidade paradoxal: ensaios sobre a sociedade de hiperconsumo.* Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras.

PEREIRA, Agostinho Oli Koppe. CALGARO, Cleide. *A Posição do Consumidor na Sociedade Moderna Hipерconsumista: Políticas Públicas de Educação para o Consumo Sustentável.* Revista da Faculdade de Direito do Sul de Minas, Pouso Alegre, v. 28, n. 2: 69-91, jul./dez. 2012

SEVERIANO, M.F.V. (2010). “*Lógica do mercado*” e “*lógica do desejo*”: reflexões críticas sobre a sociedade de consumo contemporânea a partir da Escola de Frankfurt. In. Soares, J. C. (orgs). *Escola de Frankfurt: inquietudes da razão e da emoção.* Rio de Janeiro: Ed. Uerj.

PENNA, Carlos Gabaglia. *O estado do planeta: sociedade de consumo e degradação ambiental.* Rio de Janeiro: Record, 1999.